

## A Ação Católica Brasileira: notas para estudo

Ivan Aparecido Manoel

Departamento de História, FHDSS, Unesp. Rua Major Claudiano, 1488. C.P. 211, 14.400-690, Fone: (016) 711 1800, Franca-São Paulo, Brazil.

**RESUMO.** O presente texto discute a criação de paróquias e dioceses no Estado de São Paulo, durante e após o arcebispado de D. Duarte Leopoldo e Silva (1908 - 1938), no contexto dos programas da Ação Católica, desenvolvida a partir do pontificado de Pio X, como estratégia de arregimentação do laicato na luta contra a modernidade e os projetos comunistas.

**Palavras-chave:** política católica, Ação Católica, Igreja em São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, Pio X.

**ABSTRACT. Brazilian Catholic Action: some notes.** The present text deals with the establishment of parishes and dioceses in the state of *São Paulo*, Brazil, during and after D. Duarte Leopoldo e Silva's archbishopric (1908-1938), in the context of Catholic Action programs which were developed after the papacy of Pius X, as a strategy to enlist laymen against modernism and communist projects.

**Key words:** catholic policy, church in *São Paulo*, Catholic Action, D. Duarte Leopoldo e Silva, Pius X.

O propósito do presente texto é, tão somente, fazer algumas achegas ao tema. Não restam dúvidas quanto à necessidade de se aprofundar estudos sobre o movimento da Ação Católica Brasileira, identificar suas vinculações com as suas congêneres européias, como a Ação Católica na França, na Itália, na Bélgica, etc. O estudo aqui feito limita-se a identificar algumas das possíveis razões que explicariam a atitude da Igreja Católica em iniciar um movimento em escala mundial e com forte participação do laicato nas primeiras décadas do século XX. Este texto não poderia ter nenhuma outra pretensão além de ser um estudo introdutório, porque ele é parte de uma pesquisa ainda não concluída; além do mais, há que se pensar na grande quantidade de material existente sobre a Ação Católica Brasileira - basta verificar, por exemplo, que apenas na *REB -Revista Eclesiástica Brasileira*, entre 1941 e 1965, foram publicados 269 artigos sobre o tema. Portanto, o resultado final da pesquisa deverá se concretizar em um texto de maior fôlego.

A transposição das idéias básicas de um movimento transformador, seja ele qual for, do plano dos enunciados e das elaborações teóricas para o terreno das realizações práticas, exige a criação e o emprego de um instrumental necessário e suficiente.

Parece bastante evidente que, antes de tudo, um movimento que se pretende modificador deve

desenvolver uma teoria dessa transformação. Ainda que os pressupostos dialéticos afirmem que o alicerce de todas as transformações seja a trama da vida material, não resta dúvida, todavia, de que as teorias norteadoras dos movimentos transformadores são exatamente isso: idéias e, por isso, um produto mental, ainda que seja um raciocínio exercitado dialeticamente sobre as bases da vida material.

Por serem transformadores, mesmo que não necessariamente revolucionários ou reformistas, os movimentos rejeitam a tecitura social contemporânea e propõem mudanças, isto é, propõem a transformação do estado atual das coisas para um outro, projetado por sua teoria e sua ideologia. Nessas circunstâncias, o próprio instrumental a ser empregado deve ser criado, exatamente por não existir.

Em outros termos, se para existir revolução é necessária a existência de uma teoria revolucionária, o mesmo pode ser dito em relação à reação - ela não existe sem teoria reacionária, e é Jackson de Figueiredo quem traduz esse posicionamento de modo insofismável e direto ao nos dizer que a revolução é tão... *contrária à felicidade humana, à vida em sociedade que, para combatê-la, é necessário pregar-se, não já a contra-revolução, mas o contrário da revolução.*

*Ora, é isso o que não se pode fazer sem uma doutrina que compreenda esse 'contrário da revolução' em todas as ordens da atividade espiritual, em todos os domínios da vida em sociedade.* (Figueiredo, 1958:231).

Entretanto, somente a existência de uma teoria, revolucionária ou reacionária, não importa, não basta para realizar o movimento transformador. Faz-se imperioso o emprego de meios, digamos instrumentos, que permitam essa realização, sejam instrumentos materiais (dinheiro, tropas, armamentos, etc), sejam ainda instrumentos mentais (ideologia, discurso de convencimento, legislação, etc).

O movimento transformador estabelece, em âmbito macro, a sua tática, isto é, quais as grandes atitudes que devem ser tomadas para realizar os seus objetivos e, em âmbito micro, como se devem empregar os instrumentos de que se dispõem, de modo a realizar os objetivos rápida e eficazmente.

Em se tratando de história da Igreja, entre 1800 e 1960, não é necessária a preocupação quanto aos recursos bélicos, porque ela não os empregava mais. Entretanto, se ela deixou de recorrer à força das armas para se impor e garantir seu domínio, por outro lado multiplicou e sofisticou outros mecanismos, notadamente o seu discurso de convencimento e aliciamento.

Refeita dos abalos sucessivos por que passou desde os fins da Idade Média e conseguindo sobreviver às perseguições religiosas e anticlericais do ciclo revolucionário inaugurado com a Revolução Francesa, o grande projeto da Cúria Romana foi reconquistar um lugar ou o lugar central da humanidade.

A reconquista da condição de centro de referência para a humanidade indica o sentido reacionário da política católica daquele período. Recuperar o lugar central do mundo significava que o vetor do movimento católico não era em direção a um futuro que suplantasse o momento presente, mas um futuro que readquirisse as características da Idade Média, mais especificamente entre os séculos VIII e XIV (D'Ángelo e Manoel, 1990).

Essa volta sobre si mesma, essa proposta de percorrer caminhos já percorridos e historicamente superados vai ser o emblema da política católica entre Pio VII e Leão XIII.

Nesse período - 1800 a 1903 - pontificaram papas como Gregório XVI e Pio IX, cuja direção pastoral foi fechar a possibilidade de qualquer contato entre a Igreja e o "século" e, por meio desse isolamento, preservar a doutrina católica das contaminações do materialismo, do racionalismo e do liberalismo como também, mais tarde, do comunismo (Aubert, 1975).

Entretanto, não só o anátema sobre as novas direções do "pensamento", isto é, aos novos rumos da filosofia e da ciência, como também uma rejeição à nova ordem sociopolítica, à nova ordem burguesa. Na voz desses papas, o capitalismo era considerado, em si e por si, a própria derrocada da sociedade humana, e aquilo que se apresentava como sucessor histórico da sociedade burguesa, o comunismo, uma tal monstruosidade que não merecia sequer um exame mais detido, senão a liminar condenação pelos verdadeiros católicos (Leão XIII, 1948).

Em outras palavras, o presente e o futuro, tal como se delineavam na prática e na teoria dos agentes históricos de então, não podiam ser compreendidos no projeto civilizador imaginado pela Cúria Romana daquele período.

Leão XIII foi o primeiro papa pós-Revolução Francesa e pós-Comuna de Paris a se debruçar sobre a sociedade capitalista, não tanto para entender suas relações e contradições internas, mas para declarar a sua incompatibilidade com a verdadeira doutrina católica e relembrar, até saudosamente, as relações estabelecidas pelas corporações de ofício medievais (Manoel, 1996).

Leão XIII foi mais longe. Doutrinou também sobre a origem e o exercício do poder civil e sobre a própria atuação do Estado (Leão XIII, 1951). Sua doutrina, embora não tão intransigentemente monarquista quanto a de Pio IX<sup>1</sup>, (Aubert, 1975) não deixava de reafirmar a convicção católica da origem divina do poder do Estado (Leão XIII, 1947) e, se aceitava a forma republicana do exercício do poder, não deixava de lhe conferir o selo divino, ainda que o processo eleitoral pudesse passar pelo *referendum* popular.

Estava aberto, portanto, o espaço para que teóricos, leigos ou não, trouxessem a público suas idéias, como Chateaubriand, escritor católico e romântico francês que advogava veementemente uma volta à monarquia absolutista (Chateaubriand, s.d.) e às relações feudais, ou Juan Donoso-Cortés, pensador espanhol, para quem o totalitarismo ditatorial de direita seria o único e eficaz instrumento de recristianização da sociedade (Donoso-Cortés, 1936).

Papas como Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII, Pio X, Pio XI e Pio XII, juntamente com os teóricos leigos, estabeleceram o que seria, naquele momento

<sup>1</sup> A aversão de Pio IX à república e à democracia é algo que transparece cristalina e em todas as suas encíclicas e pronunciamentos. Não se pode esquecer que Pio IX sofreu pessoalmente as agruras da política anticlerical do processo de unificação italiana e teve seu Secretário de Estado, Pelegrino Rossi, assassinado por manifestantes liberais exaltados e ele mesmo teve que fugir de Roma e se exilar em Gaeta para escapar ileso daquela perseguição.

histórico, o grande projeto católico: recuperar o lugar central e, com ele, o controle sobre a sociedade considerada em seu conjunto.

A tática elaborada para tanto era consoante à própria razão do desprestígio da Igreja de então - se a Igreja deixara de ser o lugar central da humanidade, era porque a própria sociedade se paganizara, pensava a Hierarquia da Igreja. Necessário se fazia então, segundo o entendimento da Cúria Romana, um movimento inverso, um movimento de recristianização da humanidade.

Uma vez recristianizada a sociedade, de alto a baixo, de príncipes a súditos, de governantes a governados, de proprietários a operários, de sábios a ignorantes, de modo automático a Igreja retomaria o lugar central da humanidade, e a voz do Papa seria novamente o comando firme a dirigir a barca da humanidade para o porto seguro da salvação.

Os papas desse período inicial, notadamente Gregório XVI, Pio IX e Leão XIII, imaginaram que essa tática da Igreja seria frutífera ou ao menos factível, por meio de uma estratégia centrada apenas na própria Igreja, assentando no trabalho discursivo a maior parte da responsabilidade pela recristianização da humanidade.

Exatamente por isso, podemos dividir a ação desses três papas em três áreas distintas e complementares.

Na primeira, interna à própria Igreja e de caráter político, o Concílio Vaticano I definiu, em 1870, dois pontos fundamentais - a centralização político-doutrinária em Roma e, corolário natural, a infalibilidade do Papa. Com esse procedimento, a Cúria Romana concentrava em suas mãos o poder decisório em matéria político-administrativa e doutrinária.

Com esse procedimento, ela pretendia afastar dos centros decisórios aquele segmento do clero ainda comprometido com idéias iluministas, liberais ou envolvido, no caso da Alemanha, com a Kulturkampf, do mesmo modo que no futuro próximo, início do século XX, serão os padres modernistas a sofrerem a intervenção da Cúria.

Na segunda área de atuação, ainda de caráter interno, a Cúria procurou "reformular" o seu clero, isto é, não bastava apenas afastar o "clero iluminista", esse clero que no Brasil recebia o nome de "clero pombalino", significando ser adepto das reformas do Marquês de Pombal (Wernet, 1987), havia a premente necessidade de formar um novo clero, afinado e consoante com a política conservadora ou ultramontana, ou ainda romanizada da Igreja Católica.

Data desse período a criação de seminários fechados, conforme as determinações já tri-

centenárias do Concílio de Trento e também a revisão das estruturas curriculares e do sistema de ensino, incluindo-se aí uma revisão e expurgo na própria bibliografia empregada e mesmo a criação ou reedição do Index (Pio IX, 1947:15 e Almeida, 1949:114).

Exatamente por essa razão, D. Antônio Joaquim de Melo, introdutor das reformas ultramontanas em São Paulo e outros bispos brasileiros do século XIX, rapidamente organizaram seminários fechados em suas dioceses. Cabe lembrar que o Seminário Diocesano de São Paulo foi um celeiro de padres e de bispos ultramontanos ou romanizados que se espalharam pelo Brasil, levando consigo os princípios e metodologia dessa reforma conservadora (Pio IX, 1947 e Manoel, 1996).

Na terceira área de atuação, já de caráter externo, a Cúria Romana pretendeu abarcar todos e cada um dos fiéis católicos com sua reforma conservadora. Para o bom entendimento dessa pretensão, cabe avançar um ponto: a Cúria Romana se apoiava em um pressuposto que denominamos de Teoria dos Círculos Concêntricos, isto é, entendia que o processo reformador e de recristianização partia do indivíduo, desse para a família, dela para a sociedade e da sociedade para o Estado.

Ancorada nessa teoria, a Cúria Romana desenvolveu sua pastoral voltada para o individual, dando ênfase:

1. no trabalho discursivo,
2. na formação individual.

Na vertente discursiva, os Papas e seus auxiliares diretos foram fecundos na redação de encíclicas, cartas pastorais, bulas, etc, cujo centro de preocupações era o "combate ao mundo moderno e aos seus males" e a proposição de novos rumos para o Homem. Assim é o exemplo da encíclica *Mirari Vos*, de Gregório XVI, ou *Qui Pluribus* e *Quanta Cura*, de Pio IX (Gregório XVI, 1947; Pio IX, 1947 e Pio IX, 1947).

Essas encíclicas citadas, entretanto, tinham uma função, digamos, mais negativa do que positiva, exatamente porque se destinavam a convencer os homens de que o "mundo moderno" era um mal e, portanto, não podia ser aceito pelos verdadeiros católicos. Foi preciso a agudeza intelectual e a habilidade política de Leão XIII para que a Cúria Romana e a Hierarquia considerada em seu conjunto desse um passo adiante.

É certo que Leão XIII também considerava o mundo moderno um perigo para a salvação do Homem. No entanto, agindo de modo inverso a seu antecessor, Pio IX, ele não isolou a Igreja, pelo contrário, imaginou que a estratégia mais eficaz para

a recristianização seria agir no interior da sociedade, através de cada católico.

Por essa razão, suas encíclicas, ao mesmo tempo em que interpretavam o mundo moderno, também eram um guia de conduta pessoal. Encíclicas como *Quod Apostolici Muneris, Rerum Novarum, Diuturnum Illud*, etc. (Leão XIII, 1956; Leão XIII, 1950 e Leão XIII, 1951), ao mesmo tempo em que condenavam o comunismo e o socialismo, alertavam contra a sociedade burguesa e sua ganância e examinavam a política no mundo burguês, também apontavam caminhos e normas de conduta que poderiam e deveriam ser adotadas por cada católico (Leão XIII, 1950)<sup>2</sup>.

O traço fundamental dessas encíclicas esboçava um retrato pavoroso do mundo moderno. Segundo elas, dominado por uma filosofia, ou melhor dizendo, por filosofias materialistas, envolvido pelos princípios dissolventes da política liberal, esmagado pela ganância capitalista, dilacerado pelas lutas do jogo de poder democrático, desvirtuado pela ausência de sólidos princípios morais, o mundo moderno não podia oferecer a estabilidade e a firmeza necessárias para a salvação das almas.

Da perspectiva do discurso doutrinador, portanto, o processo de recristianização exigia, preliminarmente, a constituição de um núcleo teórico-filosófico que fosse o contraponto da filosofia, da ciência e da política modernas. Mas, vale dizer, esse núcleo não se constituiu de novidade ou de avanços. Antes, reafirmando o seu conservantismo e reacionarismo, a Cúria Romana recuperou e reintroduziu seus antigos conceitos, velhos desde o Renascimento.

Assim, em contraponto à filosofia moderna e a seus procedimentos especulativos e metodológicos, a Hierarquia reintroduziu o tomismo-aristotélico, por meio da encíclica *Aeterni Patris*, de 1878 (Leão XIII, 1947); em contraposição às modernas teorias do conhecimento, fundadas sobre o empirismo e o diálogo com a natureza, reafirmou a doutrina da Revelação. São inúmeros os escritos da hierarquia da Igreja nos séculos XIX e XX condenando ou pondo sob suspeita o evolucionismo. Citamos, como exemplo, Pio XII, em sua alocução *Un Ora*, de 1951, enviada à Pontifícia Academia de Ciência, rejeitando todos os resultados do evolucionismo, quando aplicado sobre a origem e a evolução das espécies (Pio XII, 1952).

Em face da ciência moderna, sua atitude foi mais sintomática ainda - avançando desde o século XIX até meados do século XX, as atitudes católicas de rejeição aos avanços científicos se reafirmaram, em especial naquelas áreas onde a ciência poderia abalar a credibilidade dos dogmas católicos, notadamente as teorias sobre a origem e a evolução do universo e das espécies.

Na esfera político-econômica, a Hierarquia não escondeu o seu saudosismo da Era Medieval e do Ancien Regime, quando as relações feudais e o próprio poder real eram correlatos ao seu próprio domínio político-econômico. Não por acaso, clérigos e leigos protestavam contra o poder republicano identificado, com razão, a laicismo político, e romanticamente propunham um retorno ao medievo e à constituição de uma “monarquia mundial do Papa” (Manoel, 1992).

Notemos que a própria estratégia do convencimento pelo discurso era, por suas próprias características, um procedimento já envelhecido, retomada da tese tomista de que as palavras, e apenas elas, eram suficientes para a conversão ou, melhor dizendo, reconversão do Homem, e isso no momento histórico em que os partidos já começavam a se organizar, a imprensa cada vez mais dominava o cotidiano juntamente com os novos meios propiciados pelo uso da eletricidade.

Em ambos os casos, a palavra era o fundamental. O que marcava a diferença eram os meios e os sentidos dados às palavras. Num meio onde a palavra arrebatadora dos políticos e dos polemistas e a palavra mais ágil dos jornalistas se acoplavam a imagens para divulgar e proclamar a glória da filosofia e da ciência modernas, a Hierarquia continuava apenas com as palavras soltas das homilias e das pregações ou com a palavra impressa, mas imobilizada pelo saudosismo, a querer convencer os homens de que o mundo moderno era um mal a ser evitado...

Para contornar essa dificuldade, diríamos mesmo impossibilidade de sucesso, a Cúria Romana procurou atingir os homens por intermédio de sua formação individual, agindo em duas direções.

Em uma direção, procurou desenvolver a piedade e a caridade individuais. É desse período o incentivo às diversas associações piedosas e caritativas, como Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Damas da Caridade, Vicentinos, etc.

As “Filhas de Maria” são um exemplo precioso. Nessa associação, as jovens eram levadas a desenvolver uma devoção especial a Maria e, em consonância, a desenvolver uma regra especial de conduta marcada pela piedade e pela castidade.

<sup>2</sup> A encíclica *Rerum Novarum*, ao mesmo tempo em que procurava estabelecer uma interpretação sobre as origens do capitalismo e uma disciplina para a sociedade burguesa, fazia-o centrando suas diretrizes no comportamento pessoal e individual de burgueses e proletários, avançando ao limite máximo de sugerir o agrupamento em corporações de ofício.

Desde o momento de sua admissão como postulante até o momento de sua saída da associação, todos os seus atos e as convicções individuais eram rigidamente estipulados por regras conducentes àquela finalidade de desenvolvimento da piedade (Manoel, 1996).

Essa é a questão - o fim proposto era de âmbito individual e só passaria a ter uma abrangência mais alargada quando inserido no contexto da Teoria dos Círculos Concêntricos, isto é, quando desbordasse da jovem para a família e dessa para a sociedade e para o Estado. Dessa forma, a recristianização da humanidade tornar-se-ia um processo lento e de longa duração, exatamente porque a Hierarquia necessitava, em primeiro lugar, atrair os indivíduos para o seu domínio e neles desenvolver a piedade e, em segundo, devolvê-los às famílias para que elas se recristianizassem e assim por diante.

A outra direção em que atuou foi a educação escolarizada.

Sabedora de que a maioria dos jovens, de ambos os sexos, não se destinariam à vida religiosa mas à vida “civil”, a Hierarquia se propôs a, através de um sistema de ensino, dar a essa juventude uma educação conforme os princípios fundamentais de sua reforma ultramontana e conservadora.

Encontramos, mais uma vez, norteando esse projeto educacional, a Teoria dos Círculos Concêntricos. Os jovens educados nas escolas católicas constituiriam, no futuro, famílias católicas e assim sucessivamente. Exatamente por essa razão, o alvo preferencial desse sistema educacional eram as meninas, conforme a tese que considera a mulher como a primeira educadora do homem e que, portanto, seria a geratriz de famílias cristãs (Manoel, 1996).

Cabe lembrar que, sendo o projeto católico um projeto global para toda a sociedade, as escolas católicas, no Brasil, em especial as femininas, destinavam-se a abarcar as jovens de todas as classes sociais, respeitando e reafirmando a distinção entre elas: um colégio interno de alto custo para meninas da oligarquia, um externato para filhas da emergente classe média e um orfanato, cujo objetivo era formar empregadas domésticas e professoras de primeiras letras (Manoel, 1996). Com muito poucas diferenças e resguardando suas especificidades, mais atinentes à programação didático-pedagógica, o mesmo se pode dizer dos colégios católicos masculinos.

O início do pontificado de Pio X, no entanto, revelou que esses movimentos estratégicos centrados apenas no indivíduo não eram tão frutíferos. De uma parte porque a difusão da doutrina se dava de maneira muito lenta. De outra, porque a pastoral

desenvolvida estimulava a piedade individual, mas tanto não preparava o fiel para o enfrentamento com o mundo moderno, quanto não os congregava em um trabalho coletivo e coordenado para tal fim.

Nesse contexto, evidenciava-se a necessidade de criação de novas estratégias que, embora não descuidando ou desestimulando a piedade individual, organizassem os fiéis para uma militância mais produtiva.

Outro problema para a eficácia da pastoral centrada apenas no indivíduo era o fato de os partidos políticos estarem cada vez mais organizados e atuantes e o mesmo se pode dizer em relação aos movimentos operários de tendência esquerdizante ou declaradamente de esquerda. Em 1939, o padre Álvaro Negromonte, alarmado com a adesão crescente dos operários católicos às organizações políticas e sindicais não católicas e, em especial, às de filiação comunista, chegava à seguinte conclusão:

*Em nosso apostolado comum esquecemos os pobres. Pregamos para os burgueses, para os intelectuais, sem nos fazermos entender pelos pequenos e humildes, sem falarmos para sua inteligência e principalmente para o seu coração e os seus interesses./Com isso, favorecemos imensamente o comunismo no Brasil. De fato, foi por causa de nossa inércia, pelo erro de nossos métodos, foi pelo nosso silêncio imprudente...que o operariado brasileiro se deixou arrastar pela sedução vermelha./Defeito de formação, talvez, a orientação de nosso apostolado era para a burguesia./Inconscientemente, é certo, e na melhor boa vontade, deixamos que o capitalismo se servisse de nós para acalmar os pruridos de reivindicações dos operários, fazendo da religião o ópio do povo, tal como Marx a acusava de ser (Negromonte, 1941:753).*

Ficava evidente, portanto, que o sucesso da proposta católica de recristianização da humanidade exigia que o próprio laicato fosse organizado e coordenado para formar quadros militantes em contraposição à militância dos partidos e dos movimentos operários (Pio X, 1952:9). No final do século XIX, o laicato e parte da hierarquia da Igreja no Brasil estavam convictos de que a única forma de se contrapor ao “século” era fundar o Partido Católico. A fundação do Partido Católico se deu em 1890, entretanto se mostrou uma experiência frustrada. Com o desenvolvimento do projeto da Ação Católica, já no início do século XX, ele foi abandonado. A intervenção da Igreja na política partidária se deu de outra forma - através da informação aos católicos de quais candidatos recebiam o *referendum* da hierarquia da Igreja. Para esse trabalho, foi desenvolvida a LEC - Liga Eleitoral Católica, por inspiração do Cardeal Leme.

A estratégia de organização do laicato foi consubstanciada na Ação Católica.

Na encíclica *E Supremi Apostolatus*, de 1903, Pio IX, retomando a proposta vinda desde o século anterior, reafirma que o mundo atual, início do século XX, exigia... *reconduzir as sociedades humanas... à obediência da Igreja, a Igreja, por seu turno, submetê-las a Cristo e Cristo a Deus* (Pio X, 1952:10).

Para isso, retomando parte das estratégias anteriores, reafirmava a necessidade de formação do clero em regime de seminários fechados (Pio X, 1952:11), onde o centro das atividades formadoras não fosse tanto o aprofundamento nas ciências, mesmo as eclesiais, mas... *o bem das almas no exercício dos diversos ministérios que ficam bem ao padre animado de zelo pela honra divina.* (Pio X, 1952:14).

Entretanto, avançando no campo das estratégias, afirma que essa tarefa não cabia apenas ao clero, mas a...

*...todos os fiéis sem exceção que devem dedicar-se aos interesses de Deus e das almas: certamente não cada um ao sabor das suas vistas e das suas tendências, mas sempre sob a direção e segundo a vontade dos Bispos, pois o direito de mandar, ensinar e dirigir não pertence a ninguém mais na Igreja senão a Vós (Bispos).* (Pio X, 1952:15).

No entanto, para ser eficaz, a ação do clero e dos fiéis não poderia ser apenas uma tarefa de caráter discursivo como antes, porque não mais importava...

*...agitar sutilmente múltiplas questões e dissertar com eloquência sobre os direitos e os deveres, se tudo isso não redundar na ação. Ação, eis o que reclamam os tempos presentes, mas uma ação que se aplique sem reservas à observância integral e escrupulosa das leis divinas e das prescrições da Igreja... Esplêndidos exemplos deste gênero dados por tantos soldados de Cristo, mais depressa abalarão e arrastarão as almas do que a multiplicidade das palavras e do que a sutileza das discussões.* (Pio X, 1952:29).

Com essa encíclica, Pio IX estabelecia os rumos estratégicos da pastoral daí em diante, conservando parte das estratégias e das atitudes políticas anteriores e introduzindo as inovações exigidas pela situação concreta do momento. Conservava e reafirmava a necessidade da formação do clero como ação estratégica e o caráter episcopal da política de condução da pastoral; inovava por ampliar as funções do laicato no contexto da ação pastoral.

Exatamente por isso, em uma síntese singela, o padre. Arnaldo M. Arruda dizia que a... *Ação Católica, no pensamento atual da Igreja, é precisamente isso, a organização do apostolado leigo* (Arruda, 1936:31). Mais adiante, explicitando a singularidade da Ação Católica, estabeleceu as três notas que...

*...distinguem a Ação Católica de qualquer outra associação religiosa: 01) a de ser um apostolado, isto é, um trabalho de propagação da Fé e difusão do Cristianismo; 02) a de ser um apostolado organizado, ou seja, exercido por um grupo de pessoas entre cujas atividades apostólicas existam nexos de subordinação e nexos de coordenação; 03) a de ser um apostolado organizado oficial, isto é, formalmente reconhecido e aceito pela Igreja como colaboração ao seu ministério evangelizador.* (Arruda, 1936:31).

Tratando-se, portanto, de um apostolado oficial, necessariamente deveria existir um nexo de hierarquia de subordinação à Igreja:

*Só à Hierarquia Eclesiástica confiou Deus a guarda da Fé e a distribuição da Graça. Em suas mãos depositou o destino sobrenatural e eterno das Almas./ Segue-se que ninguém pode, independentemente da Igreja, longe de seu controle, por sua própria autoridade, incumbir-se da cristianização de um povo ou da catolização da cristandade.* (Arruda, 1936:41)

A singularidade da Ação Católica, no entanto, era mais profunda do que pensava o padre Arnaldo M. Arruda e se encontrava em um outro lugar, encontrava-se em suas estratégias mesmas.

Enquanto os movimentos e associações se circunscreviam a desenvolver a piedade e a caridade em determinadas faixas etárias estanques em si mesmas - Filhas de Maria, para moças, Congregação Mariana, para homens adultos e assim por diante - a Ação Católica, exatamente porque se propunha a abarcar todos e em todos os momentos de suas vidas, organizou uma estratégia de acompanhamento do Homem, do nascimento à morte, tendo esse acompanhamento um sentido globalizante:

*É ela este movimento que vem dar à vida cristã seu frescor evangélico, sua fecundidade benfazeja, levando Cristo ao indivíduo, à família, à sociedade, em todas suas atividades, econômicas, políticas, artísticas, culturais. A Ação Católica tem como objetivo suprimir esta triste, inconcebível separação entre a vida ordinária e a religião, como se a religião fosse tão somente uma doutrina, um partido, e não uma vida que deve animar, acompanhar e orientar o homem em todas suas manifestações de sua atividade, em qualquer das situações que o coloque a Providência.* (Almeida, 1949:936)

Se a vida, a vida inteira, global, total do homem deve, obrigatoriamente, ser uma vida religiosa, a Ação Católica somente conseguiria tal propósito e a formação de quadros para o trabalho apostólico do leigo se lograsse...

*...estabelecer um contato assíduo e intenso com Nosso Senhor Jesus Cristo. Eis porque o militante da Ação Católica há de levar uma vida de assimilação ao*

*sacerdócio de Cristo. Esta assimilação consegue-se pela vida litúrgica e sacramental (Almeida, 1949:937).*

Aqui voltamos ao ponto de partida: a consagração de uma vida inteira à assimilação do sacerdócio de Cristo deveria ser iniciada na idade própria para o ensino do catecismo:

*Procuremos, logo, difundir, na mais larga escala possível, o ensino da Religião entre as crianças. Sacrifiquem-se, se necessário, todas as outras obras paróquia, mas prosperem os centros de Catecismo: que melhor, sem dúvidas, é ter cristãos sem Igreja, que ter Igreja sem cristãos (Arruda, 1936:73).*

Terminado o catecismo e feita a solene Primeira Comunhão, as crianças eram convidadas a entrarem na Cruzada Eucarística. Essa instituição tinha por finalidade... *continuar o aperfeiçoamento intelectual e religioso da criança...* (Arruda, 1936:76) e o “cruzadinho” *o... grande dever (de) trazer outros meninos para o catecismo ou para a Cruzada. Esta é sua primeira iniciação na Ação Católica e a base da sua formação social (Arruda, 1936:77).*

Se a frequência ao catecismo e à Primeira Comunhão, seguidos do ingresso na Cruzada Eucarística se firmaram como ritos necessários para o ingresso na Ação Católica, esta se compunha de outros tantos ritos e instâncias, construindo uma estrutura sólida e abrangente, abarcando toda a sociedade católica e se propondo a abarcar toda a humanidade. Essa abrangência se manifestava em duas vertentes de ação: Ação Católica de caráter geral e Ação Católica especializada.

A Ação Católica que denominamos “geral”, destinava-se a congregar os adultos de ambos os sexos em departamentos específicos e com ação determinada. A sua constituição seguia os seguintes passos:

1. Congregar um número de fiéis (apóstolos) e criar dois núcleos, um masculino e outro feminino, que seriam a elite paroquial;
2. Estabelecer em cada núcleo os departamentos estipulados:

**Núcleo Masculino:** Legião São Paulo, Cruzada Eucarística, Obras das Vocações, Imprensa, Círculo de Estudos ( para homens de menos de trinta anos) Círculos de Estudos (para homens de mais de trinta anos), Assistência aos Soldados, Círculo D. Vital.

**Núcleo Feminino:** Legião São Paulo, Cruzada Eucarística, Obras das Vocações, Imprensa, Associação das Senhoras Católicas, Associação das Mães Cristãs.

3. Constituir a direção desses departamentos, criando Presidências e Secretarias a serem

ocupadas por pessoas idôneas e capazes, sob a orientação da autoridade eclesial;

4. Constituir a Federação Diocesana de departamentos;
5. Constituir a Confederação Diocesana de departamentos federados;
6. Constituir a Confederação Nacional da Ação Católica.

A Ação Católica Especializada se destinava a congregar os jovens e a característica fundamental dessa modalidade de Ação Católica era a de ser preparatória, visando formá-los para o apostolado leigo: *As agremiações de moços denominadas JAC, JEC, JIC, JOC e JUC têm antes um fim formativo do que executivo. Destinam-se mais a preparar os apóstolos do que propriamente exercer um apostolado.* (Arruda, 1936:54).

A divisão da Ação Católica Especializada em segmentos específicos, JAC, JEC, JIC, JOC, JUC, obedecia a um conceito muito particular de sociedade e de classes sociais- ao mesmo tempo em que reconhecia e sacramentava a divisão social, entendia serem classes sociais aquilo que, na verdade, eram agrupamentos técnico-profissionais:

JAC: Juventude Agrícola Católica - destinada a jovens trabalhadores rurais, com uma finalidade, de muita relevância, de fixar esse jovem à zona rural, dificultando a migração para a cidade.

JEC: Juventude Estudantina Católica - destinada a estudantes secundaristas.

JIC: Juventude Independente Católica - destinada a jovens profissionais liberais ou filhos de classe média ou burguesa, não estudantes.

JOC: Juventude Operária Católica - destinada a jovens trabalhadores urbanos, especialmente os jovens operários das indústrias, com a máxima finalidade de se contrapor ao crescente movimento operário de inspiração anarquista ou marxista.

JUC: Juventude Universitária Católica - destinada aos estudantes das escolas superiores.

O final desse período preparatório significava a passagem para as organizações da Ação Católica Geral, onde o novo apóstolo encontraria o seu campo apropriado de trabalho:

*Os Jacistas, etc, aos vinte e cinco ou trinta anos, segundo determinarem as autoridades Eclesiásticas, formarão, respectivamente, o Círculo Agrícola Católico, o Círculo Operário Católico e a Liga*

*Católica. Os Jucistas (ou Aucistas), terminado o curso na Universidade, entrarão para o Centro D. Vital. Os Jecistas, ao deixarem o Ginásio ou a Escola Normal, se empreenderem estudos superiores, tornar-se-ão Jucistas, caso contrário, Jicistas.* (Arruda, 1936:61).

Ao mesmo tempo em que pretendia abarcar o homem em todos os momentos de sua vida, a Ação Católica pretendia abarcá-lo em todos os lugares onde estivesse, no campo e na cidade, nas capitais e no interior, nos centros mais populosos e nas regiões mais ermas do país.

Para tanto, a Ação Católica deveria ser desenvolvida a partir de uma estrutura organizacional já estabelecida: paróquias e dioceses. Os textos já citados e tantos outros mais são bastante enfáticos em demonstrar e em reafirmar o caráter paroquial e diocesano da Ação Católica. Essas vinculações, de cunho organizacional e de subordinação, pressupunham, já foi dito, a existência de paróquias e dioceses. Exatamente aí estava o problema.

Uma das grandes preocupações da hierarquia da Igreja era o reduzido número das dioceses e mesmo de paróquias no Brasil e a vasta extensão territorial de cada uma delas. Enquanto na Europa as paróquias e dioceses se multiplicavam, exigindo sempre a criação de novos arcebispados, no Brasil, paróquias havia maiores que muitas dioceses européias (3). Basta, a título de exemplo, que pensemos no Estado de São Paulo que, até 1908, não possuía ainda um arcebispado.

No que tange à extensão territorial, cabe lembrar, como exemplo, que a antiga Diocese de Botucatu, da qual se desmembrou a Diocese de Assis, estendia-se até às margens do rio Paraná, divisa com o antigo Estado do Mato Grosso, com uma área total de 46.000 quilômetros quadrados, abarcando a população de cidades de médio porte como Bauru, Assis, Ourinhos e Presidente Prudente, e inúmeras vilas e cidades de pequeno porte e toda a população rural, estimada na época em 511.000 pessoas.

Ficava bastante evidente, para a Hierarquia Católica, que tanto o trabalho pastoral, centrado na expansão da Ação Católica, quanto as próprias tarefas administrativas só poderiam ter um fortalecimento e atingir um certo nível de eficácia com o desdobramento das antigas dioceses paulistas em novas dioceses. Cada vez mais a população aumentava, dispersa por uma vasta região, tornando praticamente impossível qualquer controle da Igreja, quer sobre a pastoral, quer sobre a própria administração de seu patrimônio.

Além disso, cada vez mais outras vertentes do cristianismo, tais como os presbiterianos, os batistas

e os adventistas, aos quais vieram se juntar religiões não-cristãs, firmavam raízes na região, constituindo-se em um perigo para o desenvolvimento da pastoral e, mais grave ainda, atraindo para seu convívio muitos católicos. Some-se a isso o fato de também a organização do operariado, em especial aquele operariado vinculado ao transporte ferroviário, estar cada vez mais fortalecida e se vinculando às doutrinas políticas de esquerda e teremos claro entendimento do porquê a Igreja necessitava, com uma certa urgência, criar paróquias e dioceses como alicerce para o desenvolvimento da Ação Católica.

Exatamente por essa razão, em 31 agosto de 1927, D. Benedito Aluysio Masella, Arcebispo de Cesaréia e Núncio Apostólico junto ao Brasil, em carta dirigida ao Bispo de Botucatu, D. Carlos Duarte da Costa, anunciava que era favorável à criação da Diocese de Assis, porque ... *Todas as iniciativas que, como a criação de novos bispados, visam ao melhoramento da situação da Igreja nessa Nação e maior desenvolvimento da Ação Católica só podem merecer a minha aprovação e meu pleno apoio.* (D'Ángelo, 1990:24)

As palavras de D. Benedito Aluysio Masella são conclusivas para essas notas introdutórias ao tema: a Ação Católica, para sua plena realização em uma país como o Brasil, dependia da multiplicação do número de paróquias e de dioceses; portanto, dependia da consolidação da estrutura pastoral e administrativa da Igreja Católica, sem o quê a proposta de *Instaurare omnia in Cristo* não passaria de um projeto inútil, de boas intenções ineficazes em um momento em que a hierarquia católica sabia muito bem que seus adversários não discursavam apenas, mas, acima de tudo, agiam.

## Referências bibliográficas

- Almeida, L.C (Mons.) Notas para a história dos seminários. *REB Revista Eclesiástica Brasileira*, 9:935-943, 1949.
- Arruda, A.M. (Pe.). *Ascética: preâmbulo da Ação Católica*. São Paulo: Gráfica Revista dos Tribunais, 1936.
- Aubert, R. *A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno*. Petrópolis: Vozes, 1975. (Coleção Nova História da Igreja, V. 5, T. 1).
- Chateaubriand, R. *O gênio do Cristianismo*. São Paulo, W.M. Jackson, (Coleção Clássicos Jackson, v. XVI) [19--].
- D'Ángelo, J.C. (Pe); Manoel, I.A. *Diocese de Assis: notas históricas e pastorais*. Aparecida: Santuário, 1990
- Donoso-Cortés, J. Carta a Montalembert (04/04/1849). In: Juretschke, J. (org). *Obras completas de Donoso-Cortés*. Madrid: Editorial Católica, 1936. T. II
- Donoso-Cortés, J. Discurso sobre la dictadura. In: Juretschek, J. (org). *Obras completas de Donoso-Cortés*. Madrid: Editorial Católica, 1936, T. II.

- Figueiredo, J. Coluna de fogo. Rio, Ed. Agir, 1958. Apud Manoel, I.A. Donoso-Cortés e antidemocracia católica no século XIX. In, *História*. São Paulo, Unesp, 1992, nº 11.
- Gregório XVI (Papa). *Mirari Vos* (1832). Petrópolis: Vozes, 1947.
- Guglielmelli, D. c.m. (Pe.). A Ação Católica e a Eucaristia. *REB Revista Eclesiástica Brasileira*, 3:114-130, 1943.
- Leão XIII (Papa). *Aeterni Patris* (1878). Petrópolis: Vozes, 1947.
- Leão XIII (Papa). *Diuturnum Illud* (1881). Petrópolis: Vozes, 1951.
- Leão XIII (Papa). *Immortale Dei* (1885). Petrópolis: Vozes, 1948.
- Leão XIII (Papa). *Quod Apostolici Muneris* (1878). Petrópolis: Vozes, 1956.
- Leão XIII (Papa). *Rerum Novarum* (1891). Petrópolis: Vozes, 1950.
- Lustosa, O. de F. *Política e igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- Manoel, I.A. *Igreja e educação feminina: uma face do conservadorismo (1859 - 1919)*. São Paulo: Unesp, 1996. (Coleção Prismas).
- Manoel, I.A. No centenário da *Rerum Novarum*: a doutrina católica sobre o capitalismo. *Revista da SBPH*, 7, 1992.
- Negromonte, Á. (Pe). O sacerdote e a reconquista das massas trabalhadoras para Cristo. *COR Revista Eclesiástica Brasileira*, 1:753-759, 1941.
- Pio IX (Papa). *Quanta Cura* (1864). Petrópolis: Vozes, 1947.
- Pio IX (Papa). *Qui Pluribus* (1846). Petrópolis: Vozes, 1947.
- Pio X (Papa). *E Supremi Apostolatus* (1903). Petrópolis: Vozes, 1952.
- Pio XII (Papa). *Un Ora* (1951). Petrópolis: Vozes, 1952.
- Wernet, A. *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.

Received on April 08, 1998.

Accepted on November 17, 1998.